Apresentação

Ismara Tasso
Pedro Navarro
(orgs.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

TASSO, I., and NAVARRO, P., orgs. *Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas* [online]. Maringá: Eduem, 2012. Apresentação. pp. 7-14. ISBN 978-85-7628-583-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

APRESENTAÇÃO

A proposta de organização de um livro que reunisse estudos sobre a relação entre discurso e sujeito nasceu da necessidade que tínhamos de apresentar à comunidade acadêmica e aos demais interessados nessa questão parte dos resultados de um projeto de pesquisa mais abrangente que, sob o título “Práticas identitárias na pós-Modernidade: discurso, sentido e mídia”¹, analisou, de 2004 a 2009, um conjunto significativo de textos de diferentes linguagens extraídos dos meios de comunicação impresso e televisivo que focalizam os campos político e educacional, temas do universo masculino e feminino, questões relativas ao controle, à disciplina e ao governo dos corpos e à problemática da inclusão/exclusão social. Esse compêndio, além de conter artigos de pesquisadores envolvidos diretamente com esse projeto, contempla também textos de professores de outras instituições para os quais a referida relação é objeto constante de reflexão, tanto teórica quanto analítica, a partir de pressupostos linguísticos, filosóficos, sociológicos e históricos que, não obstante estarem fundados em solos epistemológicos por vezes distintos, permitem analisar discurso e sujeito à luz de uma perspectiva discursiva de linguagem.

Poderíamos considerar que o fio condutor que alinhava os artigos que seguem busca, como finalidade última, respostas

1 Projeto subsidiado pela Fundação Araucária.

a uma questão filosófica e contemporânea: “Quem somos nós hoje?”; ou, mais especificamente, “Quem é esse sujeito produzido no interior de práticas discursivas dominantes que têm lugar na mídia brasileira?”. Em certa medida, as análises aqui realizadas das materialidades midiáticas podem oferecer ao leitor uma compreensão geral do tipo de saber que se forma sobre os sujeitos investigados em cada um dos artigos e do tipo de poder que se exerce nessas práticas. Como é de conhecimento, a consideração da relação entre saber e poder nos discursos das Ciências Humanas sobre o homem é feita por Foucault² no momento em que o filósofo analisa os mecanismos de poder no interior dos discursos científicos, com a finalidade de responder à seguinte interrogação: “a qual regra somos obrigados a obedecer, em uma certa época, quando se quer ter um discurso científico sobre a vida, sobre a história natural, sobre a economia política?” (FOUCAULT, 2000, p. 226-27).

Os artigos que compõem esta organização estão divididos em três grandes eixos temáticos. Na primeira parte foram reunidos os textos que discutem, em linhas gerais, o controle do corpo e o governo dos sujeitos. Na segunda parte se encontram artigos que versam sobre representações do brasileiro marginalizado em interface com a exclusão e a inclusão. Os textos inseridos na terceira e última parte tomam como objetos de análise as representações do masculino e do feminino no público e no privado, a produção de identidades do sujeito político e os processos de subjetivação docente.

Iniciando a primeira parte, no texto “O corpo moldado: corporeidade mediada e subjetivação”, Poliana Lachi e Pedro

2 FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma T. Muchail, 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Navarro analisam textos de revistas impressas, com a finalidade de compreender o funcionamento do discurso que ali se manifesta sobre o corpo e suas formas de subjetivação. As reflexões feitas a partir dos enunciados analisados permitem observar que o corpo dos sujeitos é uma construção discursiva produzida pela mídia conforme as relações de saber e de poder articuladas no histórico e no social. Trata-se de um “corpo de sentidos” que não preexiste aos discursos, uma vez que é criado no acontecimento e na sua objetivação pelos saberes.

Ao considerar os efeitos do biopoder sobre os corpos, Kátia Menezes de Sousa, em “Discurso e biopolítica na sociedade de controle”, analisa um conjunto de enunciados que dá forma de existência aos discursos políticos na atualidade brasileira por meio de campanhas sociais dos governos. O recorte feito confere visibilidade aos efeitos de um poder disciplinador e normalizador que se exerce com pretensões de administrar a vida e o corpo da população.

A relação entre discurso, sujeito e corpo é tema das discussões e das análises realizadas por Roselene de Fátima Coito, em “O corpo tatuado: a imagem de uma identidade em 3D”. No artigo a autora reflete sobre a tatuagem em sua manifestação histórica e na historicidade do dizer inscrito nos corpos. Para tanto, interroga o dispositivo de análise e o objeto de estudos que permitiriam traçar um perfil da construção identitária de coletividades e de individualidades, desvelando a História como superfície de opressão, como singularidade de identidades e como biopoder.

Abrindo as discussões propostas na segunda parte, no texto “Mídia e estratégias de governamentalidade do corpo deficiente: políticas públicas afirmativas e identidade em tela”, as autoras

Érica Danielle Silva e Ismara Tasso, considerando a mídia televisiva como superfície de inscrição de enunciados que retomam, deslocam e ressignificam sentidos sobre o corpo deficiente, propõem demonstrar como se dá a constituição da identidade do sujeito com deficiência, no exercício da governamentalidade. Essa análise não se faz sem um questionamento basilar sobre o que se diz das pessoas com deficiência, sobre o modo como se dá a constituição identitária dos sujeitos com deficiência e sobre os sentidos do que se diz do corpo deficiente, cuja espetacularização é ou não agradável ao olhar.

Alexandre Sebastião Ferrari Soares encerra essa segunda parte com o texto “Doente e pecador: ecos do século XIX sobre a homossexualidade na imprensa oficial (1985-2010)”, no qual se propõe a analisar “os sítios de significância” que foram se estabelecendo na imprensa oficial sobre o homossexual e seu estilo de vida entre os anos de 1985 e 1990 e entre os de 2005 e 2010. Sua finalidade, como salienta, não é analisar a resistência ao discurso hegemônico sobre os homossexuais na imprensa oficial, mas compreender quais sentidos continuam ecoando na imprensa brasileira de circulação nacional, colocando o homossexual na ordem do dia.

A terceira parte traz inicialmente três estudos que focalizam aspectos discursivos produtores de identidades do sujeito político. Em “O ‘sapo barbudo’ e o ‘Lulinha paz e amor’: as identidades de Lula construídas pela mídia na campanha de 2002”, Elaine de Moraes Santos e Edson Carlos Romualdo analisam capas das revistas *IstoÉ* e *Veja* editadas no período eleitoral de 2002 em que o concorrente petista foi objeto de reportagem. O gesto de interpretação dos autores tem por meta mostrar como se publicizou a ideia da dupla identidade de um candidato-corpo do PT e, a partir da discursivização das identidades de Lula

pela imprensa, esboçar uma possibilidade de explicação para a fragmentação identitária do sujeito político pós-moderno.

Já o texto de Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro, intitulado “Misoginia e anticomunismo na xilogravura de cordel”, realiza uma reflexão sobre os mecanismos de constituição da subjetividade feminina no âmbito do discurso político. A materialidade sobre a qual se debruça é uma xilogravura da capa do polêmico folheto “Engana-me que eu gosto 2”, de Abraão Batista, que circulou em Juazeiro do Norte - CE por ocasião das eleições para prefeito daquela cidade em 2000, após a interdição judicial do primeiro folheto: “Engana-me que eu gosto”. Grangeiro conclui que os mecanismos de constituição de identidade do sujeito político feminino, a partir da xilogravura, atuam no sentido de desqualificar o discurso da candidata do PT nas referidas eleições.

Tomando como foco a relação discurso, política e mulher, no artigo “Memória, mulher e política: do governo das capitanias à presidência da república, rompendo barreiras”, Maria da Conceição Fonseca-Silva faz uma discussão histórica e discursiva sobre a constituição e a transformação da mulher como sujeito político. Mostra que, na materialidade discursiva das formulações postas em circulação na sociedade, os sentidos das formulações sobre mulher e política não são logicamente estabilizados, haja vista que, segundo a autora, “gerações de mulheres brasileiras, independente de raça ou classe social, subjetivaram no lugar de resistência, lutaram e lutam, promovendo, conforme as condições de possibilidade de cada época”.

Os três estudos seguintes problematizam aspectos da chamada “crise de identidade” do homem e da mulher, atentando

para o fato de que as transformações pelas quais passam esses sujeitos constituem e produzem determinados efeitos de sentido nos discursos midiáticos sob investigação.

É o que mostram Adélli Bortolon Bazza e Maria Célia Cortez Passetti, em “Identidades do masculino no humor”. No artigo são analisadas cenas do programa “Sexo Frágil”, exibido pela Rede Globo no ano de 2003, com o objetivo de observar como as identidades de masculino são representadas e como se pode criar o humor a partir delas. De acordo com as análises feitas, no programa há tanto a criação de uma identidade de homem machista quanto a construção de um sujeito que tem a necessidade de se desligar dessa identidade para conviver na sociedade atual, fato que torna risíveis esses personagens e suas identidades.

A crise de identidade do homem, na mídia contemporânea, é também tema de estudo de Daiany Bonácio. No texto “Representações da masculinidade em crise: legados pós-modernos” a autora argumenta que os discursos que circulam na mídia sobre o chamado “novo homem” promovem uma espécie de desconstrução da “velha” imagem masculina de indivíduo forte e machista. Os elementos discursivos que concorrem para essa representação empregam estratégias linguísticas e imagéticas altamente excludentes e idealizadas

Fechando essa discussão sobre as identidades masculina e feminina, o artigo “Ser mulher na atualidade: a representação discursiva da identidade feminina em quadros humorísticos de Maitena”, de Érika de Moraes, realiza um movimento de descrição/interpretação do modo como os discursos sobre a mulher emergem no humor e se confundem com a “realidade” sobre ela, produzindo efeitos na constituição da atual identidade

feminina. Para essa autora, determinados discursos, chamados de “androcentristas”, ainda circulam em diferentes espaços que não o humorístico. Não obstante sua sutileza, tais discursos podem emergir “nos vãos escorregadios da linguagem, nos interstícios do texto, nos quais se mostram os posicionamentos dos sujeitos enunciadore”.

Finalizando a terceira parte e o livro, as discussões sobre discurso e sujeito saem do âmbito político e cultural para tratar de um campo em que a experiência da subjetividade é vista sob o entrelaçamento do educacional com o midiático.

Assim, o percurso de análise feito por Adriana Beloti e Pedro Navarro no texto “Professor: sujeito e objeto na revista *Nova Escola*” busca compreender como esse meio de comunicação materializa em seus enunciados processos de subjetivação do sujeito professor. De acordo com as análises, saberes advindos das teorias dos gêneros textuais, por exemplo, atravessam os enunciados, produzindo a experiência da subjetividade docente. Esse processo de subjetivação se efetua e é legitimado por uma série de dispositivos do tipo *exemplos e reflexões sobre “boas” propostas pedagógicas*, com teorias, objetivos, metodologias e conteúdos, determinação dos conteúdos a serem trabalhados e ensinados, e o governo de si pelo governo dos outros.

Não é demais desejar que, ao final do trajeto aqui empreendido pelos autores, nossos possíveis interlocutores possam extrair dele um caminho teórico e metodológico que permita compreender como se materializa a produção do sujeito em discursos midiáticos. Mais ainda, esperamos que o trabalho de descrição e compreensão desses discursos possa lançar luz sobre tantos outros estudos que reclamam, hoje, um gesto político de pesquisadores comprometidos – como desejava

Michel Foucault³ – não em dizer a muda verdade de todos, mas em lutar contra as formas de poder “ali onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento disso: na ordem do ‘saber’, da ‘verdade’, da ‘consciência’, do ‘discurso’” (FOUCAULT, 2006, p. 39). Isso requer o empreendimento de pesquisas que desvelem a evidência e a correspondência supostas entre aquilo que os homens enunciam e os sujeitos que são produzidos a partir dos enunciados.

Os organizadores.

3 FOUCAULT, M. *Estratégia, poder-saber/Michel Foucault*. Coleção Ditos & Escritos, v. IV. Organização e coleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro, 2. ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.